

## Apresentação do dossiê: Os limites da arte

Denys Riout, em seu livro “O que é a arte moderna?” relata um acontecimento inusitado em relação às obras de Constantin Brâncusi que se refere ao tema que delinea esse dossiê. Em 1926, ao fazer uma exposição em Nova Iorque, uma querela se passou no porto dos Estados Unidos<sup>1</sup>. Nesse país obras de arte não eram taxadas com impostos, mas os responsáveis pelo despacho não conseguiram encontrar em nenhum dos objetos qualquer semelhança com o que a lei pressupunha:

1. Serem uma imitação de modelos naturais;
2. Serem originais;
3. Serem realizados por um artista profissional;
4. Serem desprovidos de utilidade.

Devido ao impasse, um arranjo foi feito. Os trabalhos seriam liberados para serem expostos sem taxa, mas teriam que o ser em 40% caso fossem comercializados. A obra *l'oiseau dans l'espace* foi vendida e o comprador empreendeu uma briga judicial que culminou, em 1928, em uma sentença favorável à consideração da escultura como arte<sup>2</sup>.



Constantin Brâncusi, “*L'oiseau dans l'espace*”, 1923

Como pode ser visto pela imagem, a escultura de Brâncusi não se adéqua às cláusulas da antiga lei americana. Uma das características dominantes da modernidade é justamente questionar sucessivamente as definições tradicionais de todos os tipos de arte<sup>3</sup>. *L'oiseau dans l'espace* questionou as regras da tradição não somente em seu modo de ser, mas também juridicamente. A partir do incidente, a lei americana registrou precedente e outras obras que também não se atinham às regras puderam entrar e serem comercializadas no país.

Esse caso, bastante específico, mas ao mesmo tempo emblemático, traz à tona questões que ainda estão em aberto, quais sejam: existem regras para arte? Quais são seus limites? Como delimitar o campo da arte? Um dossiê sobre os limites da arte implica a adoção de uma referência específica, pois se estamos buscando questioná-los ou nos perguntar se eles ainda existem, ou se eles são possíveis, isso só se justifica se em algum momento esses limites existiram.

<sup>1</sup> RIOUT, Denys. *Qu'est-ce que l'art moderne?* Paris: Gallimard, 2008, p.11.

<sup>2</sup> RIOUT, Denys. *Qu'est-ce que l'art moderne?* Paris: Gallimard, 2008, p.11-12.

<sup>3</sup> RIOUT, Denys. *Qu'est-ce que l'art moderne?* Paris: Gallimard, 2008, p.13.

Gerd Bornheim<sup>4</sup> em sua análise da recepção da “Poética” de Aristóteles afirma que durante os séculos XV e XVII este livro foi tomado enquanto prescrição para o fazer artístico. Foi durante o século dezoito, juntamente com o processo de autonomização da arte, que o cenário começou a se modificar. Se levarmos em consideração que o que entendemos por arte hoje se solidifica justamente nesse período, a ligação com uma estrutura de regras, por mais distante que ela possa estar, terminou por caracterizar o campo. Isso significa que a despeito da “Crítica da Faculdade do Juízo” e de sua total desvinculação do fazer artístico das regras, teorias da arte e principalmente a história da arte continuaram utilizando como base as características da arte tradicional. É esse o cenário que o exemplo de Riout apresenta. Todavia, mais de duzentos anos se passaram desde a autonomização da arte, em que medida esses problemas ainda se colocam?

Noéli Ramme em “A arte e a vida: intersecções” mostra que a aproximação entre arte e vida realizada desde Duchamp com seus *readymades* amplia o campo da arte de modo a levantar a questão aqui em pauta, visto que, se não há limites para arte, como diferenciá-la da vida? Ramme utiliza a teoria de Arthur Danto como possível solução.

Na esteira de sua análise, Debora Pazetto também explora a filosofia dantiana. No texto “Arthur Danto e a representação como limite da arte” ela apresenta a proposta do filósofo de separar meras coisas de obras de arte por meio do conceito de representação. Porém, Pazetto mostra que apesar de Danto tentar encontrar a essência da arte ele termina por utilizar o conceito de representação de forma equivocada, fazendo com que os limites não possam ser verdadeiramente estabelecidos.

Fabiola Tasca explora a questão dos limites a partir de pressupostos semelhantes ao de Noéli Ramme no artigo “Da arte como modo de aparição do trabalho”. A partir da afirmação de que depois de Beuys e Duchamp tudo pode ser arte e qualquer um pode ser artista, Fabiola Tasca coloca em questão o problema que estrutura esse dossiê: há limites para a arte atual? Enquanto artista, ela propõe analisar seu próprio trabalho a partir da teoria de Jacques Rancière em “A partilha do sensível”.

Ricardo Fabrinni em “Fronteiras entre arte e vida” utiliza um arcabouço teórico semelhante ao de Fabiola. No entanto, ele explora as várias caracterizações da arte relacional mostrando como, ao colocar o problema da limitação da arte, limites são estipulados. Seu objetivo é mostrar em que medida a aproximação entre arte e vida realizada pelas vanguardas se diferencia das obras realizadas a partir dos anos 1990.

Explorando outro viés da questão, Luís Camilo Osório em “A política das artes e/ou a apropriação institucional: a partir de alguns casos com os *parangolés* de Hélio Oiticica” explicita como a ampliação dos limites da arte coloca em cheque políticas museológicas tradicionais. Ele questiona a instituição e a experimentação em artes mostrando o problema da cristalização de conceitos.

Pedro Dolabela explora a questão sob um viés sociocultural. No artigo “Estranhamente familiares: a democracia americana e o campo literário moderno” ele mostra como os ideais democráticos e a autonomização da arte realizaram caminhos diferentes nos últimos duzentos anos, mostrando a impossibilidade de uma deontologia, ou mesmo de unidade no campo das artes, a qual espelha o individualismo que caracteriza a democracia contemporânea.

Ao final, Marcos Hill em “Sobre Arte e Educação no Brasil de agora”, associa a vida do ser humano com a atividade artística ao colocar a arte como necessidade para gerar melhores condições de existência na coletividade. Sua análise realiza uma espécie

<sup>4</sup> Bornheim: **A poética de Aristóteles: um delineamento de sua influência histórica**. Em: Páginas de Filosofia da Arte. Rio de Janeiro: Uapê, 1998.

de continuidade da análise de Pedro Dolabela focando nas consequências da individualidade e da prevalência das vontades do mercado. Ele associa ética, política e atividade artística, sendo a última um mecanismo para possibilitar a realização das duas primeiras.

Portanto, nos sete textos que compõem esse dossiê a ampliação e ramificação do problema da limitação é explorada apontando para as dificuldades e até, quem sabe, impossibilidade de estabelecer esses limites.

Boa leitura a todos,  
Rachel Costa